



CATÓLICA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
E PSICOLOGIA

---

PORTO

# RECLUSÃO E DESENVOLVIMENTO NOS PRIMEIROS ANOS DE VIDA: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Educação e Desenvolvimento Humano

*Isabela Oliveira Santos*

Porto, julho de 2023



CATOLICA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
E PSICOLOGIA

---

PORTO

# RECLUSÃO E DESENVOLVIMENTO NOS PRIMEIROS ANOS DE VIDA: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Educação e Desenvolvimento Humano

*Isabela Oliveira Santos*

Trabalho efetuado sob a orientação de  
Catarina Ribeiro e Alexandra Carneiro

Porto, julho de 2023

## *Agradecimentos*

Aos meus pais, por terem estado sempre e exaustivamente ao lado, por durante estes 5 anos nunca me deixarem cair, por limparem lágrimas, por sorrirem comigo... Por terem uma palavra de carinho, de amor e de afeto sempre que a mesma era precisa.

À minha avó materna, por durante todos os anos se lembrar sempre de um dia de exame e não me deixar sem uma palavra de amor.

Ao meu noivo, por estar ao meu lado incondicionalmente, por me incentivar a ser melhor e a não me deixar desistir.

Às minhas orientadoras, pelo apoio, suporte e pelos ensinamentos.

Quando se encerra um capítulo, um novo se abre.  
Toda a borboleta passa pelas suas fases até estar pronta para voar.

## **Índice:**

1. Resumo/ Abstract

2. Enquadramento Teórico

3. Método

3.1. Objetivos

3.2. Estratégia de pesquisa

3.3. Critérios de inclusão e exclusão

3.4. Processo de seleção de artigos

4. Resultados

4.1. Impacto no desenvolvimento emocional

4.2. Impacto no desenvolvimento comportamental

4.3. Impacto no desenvolvimento da vinculação

5. Discussão

6. Conclusão

## **Resumo**

A residência de crianças com as suas mães reclusão na prisão é uma realidade em Portugal. Estudar estas crianças é crucial, tendo em conta a idade em que as mesmas permanecem na prisão é determinante no seu desenvolvimento. Recolher dados já estudados sobre o impacto que a residência das crianças na prisão tem no seu desenvolvimento emocional e comportamental é crucial para sistematizar o que já se sabe, permitindo definir formas de atuar preventivamente para evitar consequências futuras, orientando tomadas de decisão. A presente revisão de literatura contém artigos que foram retirados de 6 bases de dados e selecionados tendo em conta os critérios de inclusão e exclusão estabelecidos, entre os meses de maio e junho de 2023, guiando-se de acordo com as diretrizes PRISMA Checklist.

Os principais resultados revelam que crianças que vivem na prisão com as suas mães comparativamente a crianças que foram separadas devido à reclusão materna, evidenciam menores níveis de ansiedade/depressão em idade pré-escolar. De referir também que o estudo demonstrou que, para além dos fatores contextuais, o temperamento tem relevância no estabelecimento de um padrão de vinculação, o qual apresenta repercussão no desenvolvimento da criança.

Uma das principais limitações da presente revisão sistemática prende-se com o cuidado com a generalização dos dados, já que a mesma só abarca dois estudos, únicos estudos que visam a temática e, para além disso, os próprios artigos já apresentam limitações de generalização. Em termos de implicações para a prática, a mesma fornece pistas para estudos posteriores e dados relativos às questões objetivadas.

**Palavras-Chave** Co-residência; Reclusão Materna; Desenvolvimento; Emoções; Comportamentos.

## **Abstract**

The residence of children with their mothers in prison is a reality in Portugal. Studying these children is crucial, taking into account the age at which they remain in prison, which is decisive for their development. This literature review contains articles that were retrieved from 6 databases and selected taking into account the inclusion and exclusion criteria established between May and June 2023, and was prepared following PRISMA Checklist guidelines. The main results reveal that children who live in prison with their mothers, compared to children who were separated due to maternal detention, have lower levels of anxiety/depression at preschool age. The results of this literature review also indicate that, in addition to contextual factors, children's temperament has an important role at the establishment of a bonding pattern, which has repercussions on the development of children. One of the main limitations of the

present systematic review concerns the care with the generalization of the data, since it only covers two studies, the only studies that address the theme and, in addition, the articles themselves already have generalization limitations. In terms of implications for the same practice, it provides clues for further studies and data related to the objectified questions.

**Keywords** Co-residence; Maternal Detention; Development; Emotions; Behaviors .

## **Enquadramento teórico**

### **Viver na prisão enquanto experiência adversa na infância**

A reclusão parental, independentemente do sexo e residência dos filhos na prisão, acarreta repercussões tanto para os progenitores como para os filhos. Um nível educacional mais baixo, uma maior dependência de apoio financeiro do estado e comportamentos aditivos contribuem para uma maior probabilidade do contacto com a justiça e estes comportamentos são algumas das repercussões que os filhos dos reclusos têm maior probabilidade de sofrer (Bradshaw et al., 2020).

A reclusão parental e mais especificamente a reclusão materna, caso haja separação entre a progenitora e o seu filho, acarreta consequências para os filhos e para as mães. Mais especificamente, crianças com menos de cinco anos, podem ter uma maior propensão para desenvolver sintomatologia depressiva, maior dificuldade em estabelecer vínculos, e ainda a probabilidade de desenvolver problemas com figuras de autoridade. Na literatura é ainda descrito que as crianças em idade escolar acabam por ter uma maior propensão a sofrer de problemas com esta separação, como, por exemplo, como sendo regressão no desenvolvimento (Gilhman, 2012).

As experiências adversas na infância são definidas como vivências que geram trauma ou outros problemas psicológicos, nomeadamente ansiedade, sendo que a reclusão e a permanência na prisão podem ser consideradas como uma destas experiências, à semelhança da exposição a violência, ao abuso, e à negligência (MacLochlainn et al, 2021). São experiências causadoras de elevados níveis de *stress* que por sua vez, pode ser particularmente danoso para as conexões neurais, já que as mesmas são mais sensíveis nos primeiros anos de vida (Jacob et al., 2018). Experiências consideradas adversas aumentam o risco do aparecimento de problemas de internalização e de externalização em vários momentos da vida, conferindo assim um risco longitudinal (MacLochlainn et al, 2021). Quanto aos problemas de externalização, a literatura sugere que durante os primeiros tempos de vida, esses problemas podem aparecer, sem ter um diagnóstico associado, sendo por exemplo beliscar ou puxar cabelo, e estão associados a maiores níveis de agressividade quando as crianças têm vinte e quatro meses, escalando no comportamento agressivo - dar pontapés (Frost et al., 2020). A experiência de viver na prisão com os seus pais encarcerados não é referida na literatura como sendo uma experiência adversa na infância. Contudo, a literatura sugere, simultaneamente que o encarceramento de um membro da família e/ou a exposição à criminalidade é considerado como adverso, por isso e

dado cumprir estes dois fatores, considera-se que a vivência na prisão é uma experiência adversa na infância (Jacob et al, 2018).

O número de mulheres reclusas em Portugal tem aumentado significativamente, sendo que em 2022 registou-se a maior percentagem de mulheres reclusas desde 2004 (7,1%), e denotando que muitas destas mulheres estão grávidas ou têm filhos (PORDATA, 2023). Sendo por opção das mesmas, ausência de alternativa, ou por ser a opção que mais protege o superior interesse da criança, muitas das vezes os seus filhos passam a residir com as mães nas prisões. Em Portugal, segundo a Lei nº 115/2009, no 7º artigo dos “Direitos do Recluso” na alínea g) está descrito que a recluso tem direito a ter consigo o seu filho menor de 3 anos ou até aos 5 anos, caso haja autorização do outro titular parental e a sua permanência vise o superior interesse da criança (Decreto Lei nº115/2009). Esta lei anteriormente mencionada, é válida tanto para o progenitor feminino como para o progenitor masculino.

A vivência na prisão, tem repercussões nas prisioneiras, nos seus filhos e, naturalmente, na relação entre ambos. O comportamento de reciprocidade, suporte e dinâmica da progenitora para com a criança é influenciado por diversos fatores, tais como personalidade e suporte social. Além destes fatores, o contexto em que se inserem, potencialmente traumático, stressante e culpabilizante, acresce a possibilidade de depressão materna, o que se poderá repercutir na dinâmica mãe-filho de uma forma negativa. Considerando ainda o suporte social, muitas destas mulheres não apresenta qualquer tipo de suporte em termos familiares, o que se confere como um fator negativo em termos de relação estabelecida com os filhos, já que um bom suporte social, é motivo de resiliência materna e por sua vez maior proximidade ao filho e cuidados mais estáveis (Serras & Pires, 2004).

Contrariamente ao referido, há autores que referem que esta vivência na prisão pelas crianças é protetora em termos de desenvolvimento. Dado os primeiros anos de vida serem cruciais para o desenvolvimento da vinculação, alguns autores acreditam que as crianças estando perto das mães, conseguem desenvolver uma vinculação segura e a mesma é vista como promotora de um desenvolvimento ideal (Byrne et al., 2012). O estabelecimento de um padrão de vinculação seguro precoce, prevê um desenvolvimento socioemocional mais ideal, incluindo, relacionamentos interpessoais com maior qualidade e ademais, menos problemas ao nível da internalização e da externalização (Groh et al., 2017). Os estudos referem que segundo a percepção das mães, a permanência dos seus filhos na prisão tem duas vertentes opostas. Por um lado, as mães referem que a permanência dos seus filhos funciona como facilitador da sua vivência prisional, já que os veem como uma fonte de suporte para as mesmas. Ainda nesta

vertente referem que é importante que o filho esteja perto da mãe, especialmente um recém-nascido para que seja desenvolvido um padrão de vinculação seguro. Em outra vertente mais negativa, os resultados da investigação revelam que as mães acreditam que a prisão não é um espaço ideal para a residência dos seus filhos e para o desenvolvimento das mesmas, sendo que admitem que acreditar que este é um ambiente negativo, dado a exposição a fatores adversos e à privação de um crescimento normativo e multiparental (Nuytiens & Jehaes, 2022).

Analisando um estudo relativo a crianças que vivem como coo residentes com as suas mães nas prisões, o mesmo refere baseado em outros estudos anteriores, que a residência das crianças com as suas mães na prisão não significa necessariamente que as crianças desenvolvam um tipo de vinculação segura (İşcanoğlu & Uçanok, 2022). Apesar disso, num estudo que analisou o tipo de vinculação, o mesmo revelou que as crianças que residiam com as suas mães com mais de um ano apresentaram um tipo de vinculação segura e por especulação do mesmo, atribuíram-se estes resultados ao suporte social tido dentro do estabelecimento prisional e ainda à ausência de comportamentos aditivos por parte das progenitoras (Byrne et al., 2012).

Num estudo que analisa dados de crianças que residem nas prisões, os dados revelaram que em termos de comportamentos ansiosos/depressivos, os bebés que residem com as suas mães na prisão apresentavam valores menos elevados do que os que tinham sido separados das suas mães por conta da reclusão (Byrne et al., 2012). Um outro estudo realizado na Turquia, revelou que crianças que residiam com as suas mães na prisão exibiam também níveis mais baixos de ansiedade e de depressão e menos comportamentos de isolamento, do que as crianças que tinham sido separadas das suas mães (İşcanoğlu & Uçanok, 2022). Em continuidade dos mesmos resultados, um outro estudo revelou que estes resultados aumentam o grau de resiliência das crianças no período pré-escolar. Em termos de resultados académicos, os estudos revelam que crianças que têm um tipo de vinculação segura conseguem melhores resultados académicos do que aquelas que não apresentam, independentemente da reclusão materna (Goshin et al., 2014).

Em suma, a exposição à criminalidade, só por si, é um fator de especial impacto nas crianças e pode, por isso, ser considerado como adverso. Crianças que residem em ambientes tão adversos e que são privadas de uma infância normativa, apesar de poderem apresentar maior resiliência e melhores resultados desenvolvimentais, quando comparadas com aquelas que não se encontram com um cuidador primário por conta da reclusão, não deixam de estar expostas a uma multiplicidade de situações que podem ter uma influência marcante e determinante no seu desenvolvimento global. Desta forma, torna-se imperativo a recolha de informação sobre o que

é sabido desta realidade, de forma a conseguir atuar preventivamente junto desta população exposta a múltiplas situações de acrescida vulnerabilidade.

## **Método**

### **Objetivos**

A presente revisão sistemática tem como objetivo principal conhecer o impacto das crianças viverem com as suas mães reclusas nas prisões. Como objetivos específicos, definem-se dois: 1) analisar o impacto da permanência na prisão com as mães em termos de desenvolvimento emocional das crianças; 2) analisar o impacto da permanência na prisão com as mães em termos de desenvolvimento comportamental das crianças; e 3) analisar o impacto da permanência na prisão com as mães em termos de vinculação.

### **Estratégia de pesquisa**

A estratégia de pesquisa da presente revisão sistemática, basea-se na PRISMA 2020 Checklist (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analysis). As bases de dados consultadas foram: 1) Academic Search Complete; 2) EBSO; 3) Psychology and Behavioral Sciences; 4) ScienceDirect; e 5) Web Of Science. Dados não publicados não foram incluídos. Os artigos incluíram dados publicados desde todo o tempo temporal até 2023, pois pretendia-se incluir o máximo de literatura disponível nesta temática.

As palavras-chave e as conjunções utilizadas na pesquisa foram: 1) «maternal incarceration AND co-residing children»; 2) «maternal incarceration AND co-residing children AND psychological development»; 3) «maternal incarceration AND co-residing children AND behavioral impact»; 4) «maternal incarceration AND co-residing children AND socioemotional impact»; 5) «maternal incarceration AND co-residing children AND behavioral problems»; 6) «maternal incarceration AND co-residing children AND emotional problems»; e 7) «co-residing children AND prison AND behavioral impact». De forma a selecionar os estudos que atendiam à elegibilidade para a revisão sistemática, foi elaborada uma recolha geral de todos os artigos que resultavam da pesquisa atendendo às palavras-chave e conjunções. Após isso foi feita uma leitura do título e excluídos os artigos que não atendiam aos critérios. Após esta seleção, foi lido o abstrat e foi realizada uma leitura flutuante dos artigos, levando a excluir

mais artigos e a ficar com a amostra final. Esta extração foi feita apenas pela aluna, com a supervisão das orientadoras.

### **Crítérios de inclusão e de exclusão**

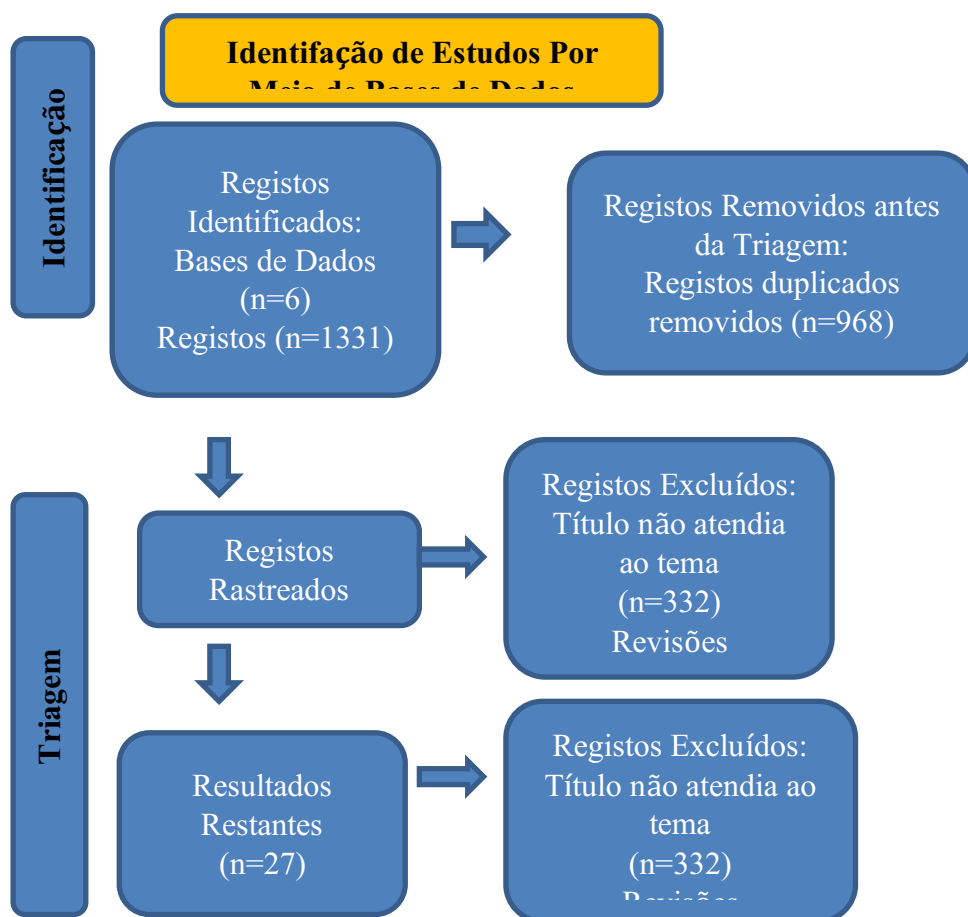
Para esta revisão sistemática, foram estabelecidos como critérios de inclusão: 1) ser um artigo empírico; 2) publicação em revistas com revisão de pares; 3) crianças a viver na prisão com as suas mães; e 4) escrita em português, inglês ou espanhol. Referente aos critérios de exclusão, estes foram: 1) revisões sistemáticas e/ou meta-análises; e 2) amostras de crianças a viver ao encargo de outrem que não a mãe na prisão.

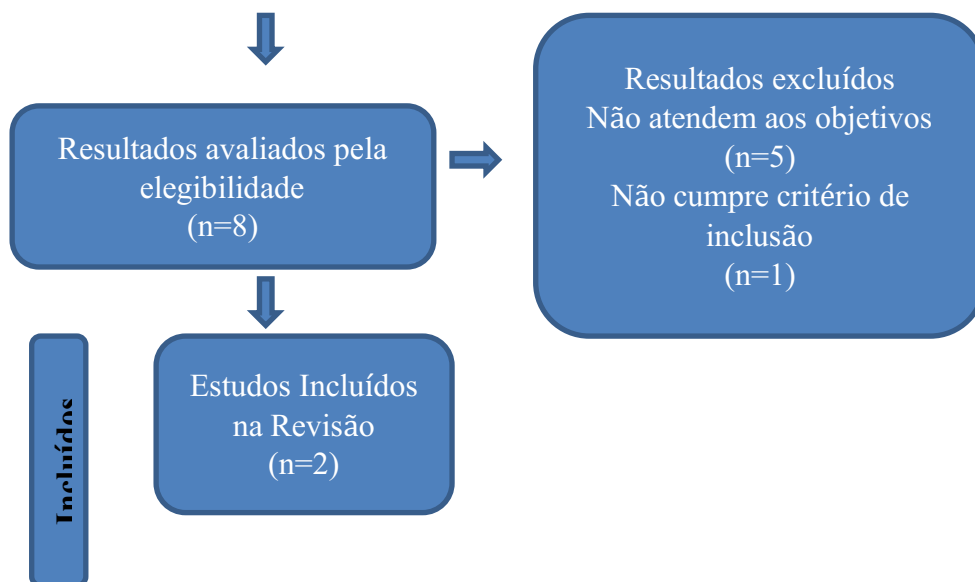
### **Processo de seleção dos artigos**

Da pesquisa inicial resultaram 1331 resultados, sendo que foram eliminados 968 artigos por estarem duplicados. Na primeira análise, dos 363 artigos, foram excluídos 332 artigos por não atenderem ao tema do estudo, e quatro artigos por serem revisões sistemáticas e/ou meta análises. Dos 27 artigos restantes, oito foram excluídos pois não atendiam a experiências adversas na infância como a residência na prisão, outros nove excluídos pois as crianças não residiam na prisão e dois deles por serem revisões sistemáticas, que não foram excluídos inicialmente por não ter sido clara a metodologia dos artigos. Dos 8 artigos restantes da análise final, foram excluídos 6. Um deles não atendiam ao critério de inclusão das crianças residirem com as mães na prisão, outros 2 focavam-se nas mães e nas repercussões da reclusão tendo em conta a separação dos filhos, um outro visava um follow-up de um programa desenvolvido na prisão sobre a vinculação, um outro focava a vinculação e a sensibilidade materna e um outro a intergeracionalidade da vinculação, sendo, portanto, de considerar que estes 5 últimos não atendiam aos objetivos de estudo e um a um dos critérios de inclusão (Figura 1). Esta seleção foi elaborada com suporte do Excel.

Figura 1

Prisma Flowchart





Na tabela 1 é sistematizada a informação dos artigos que foram incluídos no presente estudo.

Tabela 1

### Artigos Incluídos na Revisão Sistemática

<i>Estudo</i>	<i>País</i>	<i>Tipo de Estudo</i>	<i>Objetivos</i>	<i>Amostra</i>
Goshin, Lorie S. Byrne, Mary W. Blanchard-Lewis, Barbara., 2014	EUA	Transversal	Comparar o grupo de análise com o de comparação em termos do desenvolvimento emocional e comportamental	Grupo de Análise: 47 crianças, idade pré escolar, residentes dos 1 aos 18 meses na prisão com berçário. Elegíveis se tivessem residido pelo menos 1 mês.  Grupo de comparação: 64 crianças selecionadas a partir do The Fragile Families and Child Welbwing Study.
İşcanoğlu, Z. & Uçanok, Z, 2022	Turquia	Correlacional	Analisar a influência do temperamento das crianças no desenvolvimento da vinculação tendo ainda em conta a sensibilidade materna	Dados foram recolhidos em 8 prisões de 7 cidades distintas Turcas, sendo que os participantes para serem elegíveis tinham que estar há mais de um mês em reclusão com os seus filhos de 1 a 3 anos.  Amostra: 84 mães entre os 20 e os 43 anos ( $M = 29.9$ ; $DP = 5.6$ ) e os seus filhos dos 12 aos 43 meses ( $M = 25.3$ ; $DP = 8.3$ ).

### Resultados

Tabela 2

## Resultados dos estudos

<i>Estudo</i>	<i>Variável Independente</i>	<i>Variável Dependente</i>	<i>Medidas</i>	<i>Resultados</i>
Goshin, Lorie S. Byrne, Mary W. Blanchard-Lewis, Barbara., 2014	Residência com as mães na prisão/ Separação das mães	Desenvolvimento emocional e comportamental	<p>Avaliar os problemas de desenvolvimento e comportamento: The Child Behavior Checklist 1 ½ to 5 (Achenbach &amp; Rescorla, 2020) - foram analisados problemas de ansiedade/depressão, isolamento, agressividade e déficit de atenção/hiperatividade.</p> <p>Fatores de Risco: -12 meses antes da gravidez: quatro ou mais bebidas alcoólicas num 1 dia (1 ou mais vezes ao mês), uso de drogas, tranquilizantes e outros, e ter que deixar de beber ou consumir drogas por interferência na vida pessoal/profissional.</p> <p>-Durante a gravidez: consumo de álcool uma vez ou mais ao mês, o uso de drogas ou substâncias e se teve que deixar o consumo por interferência na vida pessoal/profissional.</p> <p>Stress Parental: Parenting Stress Index- Short Form (Abidin's, 1995).</p> <p>Paternidade severa/pequena agressão física, violência psicológica e negligência, sendo ela emocional, física, médica e abuso de substâncias/problemas com bebida: Parent-Child Conflict Tactics Scale (Straus et al., 2003).</p> <p>Foi utilizado um <i>score</i> de propensão que representou estatisticamente a probabilidade de as crianças estarem no berçário das prisões, sendo que ao se utilizarem estes <i>scores</i> se controla possíveis diferenças entre grupo de análise e de comparação, reduzindo possíveis vies.</p>	<p>Diferenças médias em níveis de ansiedade/depressão: Crianças coesidentes (<math>M = 3.2</math>; <math>DP = 2.4</math>) 0 -8 Crianças Separadas (<math>M = 4.4</math>; <math>DP = 2.6</math>) 0 -10</p> <p>Escala de Risco Cumulativo e Níveis de Ansiedade e Depressão: <math>t(92) = 3.45, p = .001</math></p> <p>Scores de comportamento retraído Crianças coo residentes: <math>t(105) = .73, p = .46</math></p>
İşcanoğlu, Z. & Uçanok, Z, 2022	Tipo de Padrão de Vinculação	Sensibilidade Materna e Temperamento das Crianças	<p>Tendo em conta a elevada prevalência de participantes analfabetas, os dados relativos a características sociodemográficas, temperamento das crianças e suporte social materno, foram obtidos em entrevistas numa sala privada destinada ao propósito.</p> <p>Sensibilidade Materna: Sensitivity Scale (Berument et al., 2018).</p> <p>Comportamentos de Vinculação: Turkish Toddler Attachment Sort-60 (Berument &amp; Sümer, 2017), instrumento de avaliação adaptado do Toddler Attachment Sort-45 com itens adicionais que relatam comportamentos de apego em situações diversas, foram medidos através de observação e a classificação do tipo de vinculação teve que ser feita imediatamente à observação, sendo que a mesma era feita tendo em consenso os dois investigadores nas escalas de (evitante, seguro, ansioso, desorganizado).</p>	<p>Emocionalidade Negativa diferenças com os tipos de crime: <math>F(2,79) = 4.73, p &lt; .01</math></p> <p>Emocionalidade Negativa (crime económico): (<math>M = 2.69</math>; <math>DP = .76</math>)</p> <p>Emocionalidade negativa (crime ligado a drogas): (<math>M = 2.49</math>; <math>DP = .69</math>)</p>

			<p>Temperamento Das Crianças: Early Childhood Behavior Questionnaire (Putman et al., 2016), que avalia crianças entre os 1 ½ e os 3 anos através de uma escala de Likert de 5 pontos. Utilizadas duas dimensões sendo elas a emocionalidade negativa, que é composto pelas subescalas de frustração e capacidade acalmar e ainda a dimensão de controlo com esforço, avaliado através da subescala de controlo inibitório.</p> <p>Suporte Social Materno: Social Support Questionnaire (Sarason, et al., 1987), sendo que foi avaliado o suporte e também a satisfação com esse mesmo suporte social.</p>	<p>Emocionalidade negativa moderadora entre sensibilidade materna e padrão de vinculação evitativo:  <math>F(6,74) = 3.58, p &lt; .01, R^2 = .23</math></p> <p>Alta sensibilidade materna em crianças com baixa emocionalidade negativa não reduz a probabilidade do padrão de vinculação evitativo:  <math>(B = -2.70, SE = .84, t(74) = -3.20, p &lt; .01, 95\% CI = (438. -1,02)</math></p> <p>Autorregulação moderador entre sensibilidade materna e padrão de vinculação evitativo:  <math>(B = 81, SE = 83, t(74) = 97, p &lt; .5, IC 95\% = (-85, 2.46)</math></p> <p>Autorregulação moderador entre sensibilidade materna e padrão de vinculação ansioso:  <math>F(6, 74) = 4.30, p &lt; .001, R^2 = .26</math></p> <p>Sensibilidade materna tem um efeito negativo no estabelecimento do padrão de vinculação ansioso para crianças com baixa autorregulação:  <math>(B = -1.76, SE = .77, t(74) = -2.29, p &lt; .05, 95\% CI = [-3.30, -.23])</math></p>
--	--	--	---	--

### Impacto no desenvolvimento emocional

Verificou-se que as crianças que viveram com as suas mães na prisão apresentaram níveis significativamente mais baixos de ansiedade/depressão do que aquelas que foram separadas e residem com outros familiares nos seus domicílios, sendo que o facto de estar separada aumentou em 6% estes problemas (Goshin et al., 2014), (Tabela 2).

### **Impacto no desenvolvimento comportamental**

Em termos de desenvolvimento comportamental, não foram encontrados resultados quanto à agressividade ou a défices de atenção/hiperatividade, sendo que não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de análise e de comparação, sendo, portanto, crianças que vivem com as suas mães reclusas na prisão e crianças que estão separadas das mães e vivem no seu domicílio com outros familiares. Assim, no caso das crianças que coo residem com as suas mães, não se encontraram resultados mais baixos do que nas crianças que estão separadas das suas mães por conta da reclusão (Goshin et al., 2014).

Em termos de comportamentos de externalização, compreendeu-se que crianças ansiosas tendem a maximizar os seus sinais de vínculo (e.g., chorar, gritar, procurar captar a atenção da cuidadora, dificuldade em controlar adequadamente as emoções). Neste sentido, no caso de as mães serem mais sensíveis, as crianças evidenciam menores níveis de reatividade emocional, o que remete para uma relação de maior qualidade de vinculação, e por isso de menor insegurança (İşcanoglu, Z. & Uçanok, Z., 2022).

### **Impacto no desenvolvimento da vinculação**

Começando por analisar o papel moderador da emocionalidade negativa, os resultados revelaram que esta é um moderador significativo na relação entre a sensibilidade materna e o tipo de vinculação inseguro evitante. Neste sentido, os dados revelaram que mães com maior sensibilidade materna, em crianças com baixa emocionalidade negativa, têm uma menor probabilidade de estabelecer um padrão de vinculação inseguro evitante. De forma contrastante, a sensibilidade materna não reduziu a probabilidade de as crianças com maior emocionalidade negativa desenvolverem um padrão de vinculação inseguro evitante.(İşcanoglu, Z. & Uçanok, Z., 2022).

Quanto à autorregulação, percebeu-se que esta é moderadora da relação entre a sensibilidade materna e o padrão de vinculação inseguro evitante, demonstrando que esta correlação varia de

acordo com a capacidade de autorregulação das crianças, ou seja, quão menor maior a probabilidade de desenvolver este padrão de vinculação. A autorregulação foi considerada também como moderador entre a sensibilidade materna e o padrão de vinculação inseguro ambivalente, sendo que a sensibilidade materna demonstrou ter um efeito negativo no que toca ao estabelecimento de um tipo de padrão de vinculação inseguro ambivalente no caso de as crianças terem menor capacidade de autorregulação (İşcanoğlu, Z. & Uçanok, Z., 2022).

Os dados revelam que crianças com desorganização da vinculação apresentam um maior risco de comportamentos problemáticos posteriormente (İşcanoğlu, Z. & Uçanok, Z., 2022).

Foram ainda encontrados resultados que indicam que o tipo de crime materno tem influência na emocionalidade negativa nas crianças. Desta forma, existem diferenças estatisticamente significativas quanto à emocionalidade negativa das crianças em função do tipo de crimes (crimes de motivação económica (57.89%), crimes relacionados com droga (33.7%) e crimes violentos (8.5%)). Percebeu-se que crianças cujas mães estão detidas por crimes com motivação económica apresentam *scores* mais elevados de emocionalidade negativa em comparação com crianças cujas mães estão detidas por crimes relacionados com droga (İşcanoğlu, Z. & Uçanok, Z., 2022).

## **Discussão**

Os objetivos visados para a presente revisão sistemática prenderam-se com recolher informação já existente relativamente ao impacto que a residência na prisão por parte das crianças com as suas mães reclusas tem ao nível do desenvolvimento emocional e comportamental.

Demonstra-se imperativo sublinhar o facto de apenas dois estudos terem cumprido com todos os critérios previamente estabelecidos tendo em conta os objetivos definidos. Desta forma, por um lado, constatou-se a ausência multiplicidade de estudos focados em problemas emocionais e de comportamento em crianças que vivem reclusas com as mães; por outro, a vinculação surge como sendo de relevância neste tipo de população.

Os estudos incluídos relatam que as crianças que são separadas das mães e que são expostas à criminalidade apresentam défices em termos do desenvolvimento em idade pré-escolar (Byrne et al., 2012). Em paralelo a isso, os dados de um dos estudos referem que crianças que foram separadas das mães quando as mesmas foram detidas, apresentaram valores mais altos de ansiedade/depressão (Goshin et al., 2014). Tendo ainda em consideração a escala de risco cumulativo, presente no estudo de Goshin e colaboradores (2014), considerando que a elevados

scores nesta escala correspondem níveis superiores de ansiedade/depressão, as crianças dos dois grupos (análise e comparação), apresentaram dados que são semelhantes, ou seja tanto as crianças coo residentes como aquelas que estão separadas das suas mães apresentam valores de risco cumulativo que são parecidos, denotando-se que os comportamentos de risco por parte da progenitoras foram semelhantes. Elevados valores de risco cumulativo conferem níveis elevados de ansiedade/depressão como referido acima e por isso, dado os valores dessa mesma escala serem equiparáveis tanto para o grupo de crianças residentes tanto para o grupo não residente, os valores dos níveis emocionais poderiam ser iguais caso se considerasse apenas a escala de risco cumulativo (Goshin et al., 2014). Através dos dados obtidos pelos estudos e englobando a variável residência na prisão, é possível conferir que o grupo de crianças residentes, apresenta valores de ansiedade/depressão significativamente mais baixos do que aquelas que não vivem e estão separadas da sua mãe, o que possibilita a inferência que a residência com a sua mãe, tendo a possibilidade de desenvolver vínculos com a sua cuidadora primária confere resiliência para estes níveis de problemas emocionais (Goshin et al., 2014).

Considerando o desenvolvimento comportamental, não foram encontradas diferenças significativas em termos de variáveis como agressividade/atenção e hiperatividade, assim como na variável de isolamento, o que pode conferir que a residência das crianças neste ambiente adverso e apesar por exemplo da exposição à criminalidade e a um sistema monoparental, não possibilita o desenvolvimento de um comportamento indesejado ou retraído (Goshin et al., 2014).

O padrão de vinculação demonstra ser influenciado pela sensibilidade materna e também por variáveis que nem sempre são consideradas tais como as características individuais das crianças, o temperamento e a capacidade de autorregulação (İşcanoğlu, Z. & Uçanok, Z., 2022). Apesar dos resultados referentes à vinculação, não estarem alinhados com os objetivos estabelecidos os estudos encontrados referem a vinculação como um fator fortemente estudado e que tem correlação por exemplo com as variáveis, sensibilidade materna e temperamento infantil, assim como outras e estas mesmas variáveis interferem na qualidade do desenvolvimento que as crianças apresentam (İşcanoğlu, Z. & Uçanok, Z., 2022).

A emocionalidade negativa, considerada como abrangendo a reatividade emocional, a propensão a um humor negativo e a provável psicopatologia é moderadora na relação entre a sensibilidade materna e o padrão de vinculação inseguro evitante (Mansur-Alves & Flores-Mendonza, 2009; İşcanoğlu, Z. & Uçanok, Z., 2022). A autorregulação é também como referida acima um dos aspetos do temperamento que pode moderar a qualidade do padrão de vinculação (İşcanoğlu, Z. & Uçanok, Z., 2022).

Ainda em torno do desenvolvimento emocional, porém não tendo apenas impacto na coo residência, surge o tipo de crime materno que interfere com os níveis de ansiedade/depressão. Em termos de desenvolvimento comportamental, não foram encontrados resultados significativamente diferentes entre crianças que coo residem e que não coo residem no estabelecimento prisional, podendo-se presumir que esta coo residência não tem um impacto mais negativo do que as crianças estarem afastadas das suas mães. Presumivelmente, pelos dados recolhidos, podemos aferir que a coo residência das crianças, apesar do contexto adverso, numa situação de criminalidade materna, poderá ser positiva no desenvolvimento, principalmente emocional (Goshin et al., 2014).

### **Conclusão**

A residência na prisão parte das crianças, é de facto impactada por diversos fatores de risco contextuais elevados, porém e através dos dados é possível perceber que esta residência com a sua cuidadora primária, permite a criação de um vínculo seguro, conferindo resiliência relativamente a problemas emocionais, tais como elevados níveis de ansiedade e depressão em comparação com crianças que enfrentam a detenção materna, mas não estão com as suas mães (Goshin et al., 2014). Neste sentido e alinhado com a prática, seria útil conduzir mais estudos de forma a analisar todas as variáveis que conferem um melhor cenário desenvolvimental, conseguindo dotar os estabelecimentos prisionais de ferramentas e estratégias que otimizem quanto possível o desenvolvimento infantil nestas condições adversas. Em termos de desenvolvimento comportamental não foram encontrados dados significativamente diferentes, os dados na prática conferem que a residência não parece impactar nesta dimensão, porém seria útil conduzir um estudo que abarca esta mesma dimensão, de forma a que a mesma seja avaliada comparativamente a crianças que não coo residem, mas que vivenciam a reclusão materna. Referente à vinculação e aos fatores que em coo relação interferem na mesma, será relevante que na prática sejam criados programas dentro dos estabelecimentos prisionais que mediem esta relação mãe-filho, aumentando por exemplo a sensibilidade materna e ainda potenciem a autorregulação das crianças.

Em termos de limitações dos estudos incluídos, é importante referir que tal como é descrito nos mesmos, em ambos deve existir cuidado na generalização dos resultados para toda a população. No estudo de Goshin e colaboradores (2014), as razões das limitações passam pelo facto dos dados serem apenas de um estabelecimento prisional e o mesmo ter berçário, ou seja, só por si, já confere um ambiente de maior suporte e com mais medidas de apoio às mães com os filhos. No estudo de İřcanođlu e Uęanok (2022), a limitação advém do uso de observações

semiestruturadas para codificar a sensibilidade materna e a segurança da vinculação, não utilizando outros dados ou medidas para o fazer. Dado estes factos trazidos pelos próprios estudos, é de considerar que os resultados se podem encontrar limitados mediante as amostras e métodos utilizados. Fazendo a ponte para possíveis limitações da própria revisão sistemática, a mesma apenas integra dois estudos, o que não permite conferir uma vasta informação sobre a temática. Para além disso, e dado existir uma relação evidente e uma maior informação nos estudos existentes para o público-alvo sobre a temática vinculação, seria interessante em estudos futuros percorrer esse caminho, podendo por exemplo partir de outras variáveis como a sensibilidade materna. Em relação ao padrão de vinculação da própria mãe, através do estudo de Byrne e colaboradores (2010), seria ainda benéfico analisar as diferenças nos dados desenvolvimentais de crianças e possível padrão de vinculação estabelecido entre mães e filhos, entre prisões com berçários ou programas de apoio com prisões sem esses mesmos programadas, de forma a conseguir informações mais amplas e abrangentes. Ainda relativo à vinculação e sabendo que o padrão estabelecido postula para além das representações mentais sobre posteriores relacionamentos e também o desenvolvimento socioemocional, poderá ser útil em estudos futuros analisar esse mesmo desenvolvimento tendo em consideração o tipo de vinculação que é estabelecido. Durante a análise dos dados extraídos, compreende-se que a informação acerca do tipo crime materno é relevante e pode ser alvo de estudos futuros. Em vista disso, poderá haver uma ligação entre o tipo de crime com o comportamento interativo da mulher com a criança, já que mulheres de classes sociais mais baixas têm a propensão a de ter menos comportamentos interativos positivos, o que pode ter interferência no padrão de vinculação estabelecido (Serras & Pires, 2004).

## **Referências**

Bradshaw, D., Hannigan, A., Creaven, A. & Muldoon, O. (2020). Longitudinal associations between parental incarceration and children's emotional and behavioural development: Results from a population cohort study. *Child: Care, Health and Development*, 46(2), 195-202. <https://doi.org/10.1111/cch.12732>

Byrne, M. W., Goshin, L. & Blanchard-Lewis, B. (2012). Maternal Separations During the Reentry Years for 100 Infants Raised In a Prison Nursey. *Family Court Review*, 50(1), 77-90.

Decreto-Lei nº115/2009 do Ministério da Justiça (2009). Diário da República:I Série, nº185.

- Frost, A., Rodriguez, M., Imrisek, S., Dash, A. & Berand, K. (2021). Externalizing behavior and stress system functioning in infants exposed to early adversity: A multi-system exploration. *Developmental Psychobiology*, 63(5), 1255- 1265. <https://doi.org/10.1002/dev.22091>
- Goshin, L., Byrne, M. & Blanchard-Lewis, B. (2014). Preeschool Outcomes of Children Who Lived as Infants in a Prison Nursery. *The Prison Journal*, 94(2), 139-158.
- Gilhman, J. (2012). A Qualitative Study of Incarcerated Mothers' Perceptions of the Impact of Separation on Their Children. *Social Work in Public Health*, 27(12), 89-103.
- Groh, A., Fearon, R., IJzendoorn, M., Bakermans-Kranenburg, M. & Roisman, G. (2016). Attachment in the Early Life Course: Meta-Analytic Evidence for Its Role in Socioemotional Development. *Child Development Perspectives*, 11(1), 70-76. <https://doi.org/10.1111/cdep.12213>
- İşcanoğlu, Z. & Uçanok, Z. (2022). Associations between Turkish incarcerated mothers' sensitivity and their co-residing children's attachment: The moderating role of children's temperament. *Attachment & Human Development*, 24(4), 439-466. <https://doi.org/10.1080/14616734.2021.1976446>
- İşcanoğlu, Z. & Uçanok, Z. (2022). The Moderating Role of Incarcerated Mothers' Psychosocial Functioning on the Association Between Maternal Sensitivity and Their Co-Residing Toddlers' Attachment. *Criminal Justice and Behavior*, 49(10), 1437-1455. <https://doi.org/10.1177/00938548221082655>
- Jacob, G., Van Den Heuvel, M., Jama, N., Moore, A., Ford-Jones, L. & Wong, P. (2019). Adverse childhood experiences: Basics for the paediatrician. *Paediatrics and Child Health*, 24(1), 30-37. <https://doi.org/10.1093/pch/pxy043>
- MacLochlainn, J., Mallett, J., Kirby, K. & McFadden, P. (2021). Stressful Events and Adolescent Psychopathology: A Person-Centred Approach to Expanding Adverse Childhood Experience Categories. *Journal of Child & Adolescent Trauma*, 15, 327-340. <https://doi.org/10.1007/s40653-021-00392-8>
- Mansur-Alves, M. & Flores-Mendonza, C. (2009). Stability and developmental correlates of neuroticism trait in school children. *Psicologia em Estudo*, 14(4), 807-815.
- Nuytiens, A. & Jehaes, E. (2022) When your child is your cellmate: The “Maternal pains of imprisonment” in a Belgium prison nursery. *Criminology & Criminal Justice*, 22(1), 132-149. <https://doi.org/10.1177/1748895820958452>

PORDATA (2023). Reclusos: total e por sexo. Recuperado de <https://www.pordata.pt/portugal/reclusos+total+e+por+sexo-271-3693>

Serras, D. & Pires, A. (2004). *Maternidade atrás das grades: Comportamento parental atrás das grades*. *Análise Psicológica*, 2, 413-425.